

AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR: OS IMPACTOS DA HIPERMASCULINIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Beatriz de Lira Gomes ¹
Alexsandro da Silva Lima ²

RESUMO

A construção da identidade dos sujeitos é um processo primordial para a formação do cidadão. Para tal, o meio em que vive e as pessoas ao redor têm uma vasta contribuição nessa práxis. Nesse sentido, a escola está diretamente ligada a esse processo de construção, pois é por meio dela que o sujeito se apropria da cultura em que esteja inserido. Assim, com a base da sociedade firmada em patriarcalismo e androcentrismo, o machismo e a hipermasculinidade tem influenciado diretamente na fabricação dos sujeitos, ademais, ao longo da história a sociedade tem designado a escola o papel manter os estereótipos em torno da masculinidade e feminilidade estabelecidos socialmente. Em se tratando do sistema educacional brasileiro, há um grande abismo e muita resistência em considerar o espaço escolar como possível meio para a desconstrução dos estereótipos. Assim sendo, este artigo visa analisar como os estereótipos impostos pela sociedade influenciam no desenvolvimento das crianças e no processo de construção do Eu. A metodologia adotada baseia-se em pesquisas bibliográficas, de cunho qualitativo, tendo como principais autores Simone de Beauvoir, Guacira Lopes Louro, Daniela Auad, Levy Vygotsky, entre outras obras que têm como foco discutir sobre masculinidades no ambiente escolar, evidenciando o processo de construção social atribuídos aos sexos. Os resultados obtidos através do estudo mostram que a hipermasculinidade é reforçada dentro do ambiente escolar tanto de maneira implícita quanto explícita em seu cotidiano.

Palavras-chave: Escola, Gênero, Masculinidade, Machismo.

INTRODUÇÃO

No contexto social vigente, pesquisadores e estudiosos buscam constantemente compreender as questões de gênero e como somos influenciados pela cultura e o meio em que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Paulista - UNIP, beatriz-liras@hotmail.com;

² Professor orientador: Mestrando em Ciências da Educação, UNADES, alexsandrolima16@hotmail.com.

vivemos. Contudo, o tema masculinidade tem sido pleiteado como um meio para o combate aos estereótipos de gênero e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

É relevante abordar, primeiramente, que, desde os primórdios da civilização a sociedade é masculinizada, carregando culturalmente o machismo e a desigualdade de gênero que é passada de geração a geração, trazendo consequências avassaladoras tanto para as mulheres quanto para os homens. Simone de Beauvoir (1970), em sua teoria a respeito da existência e da construção social da mulher, afirma

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a êle; ela não é considerada ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado; para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAVOUIR, 1970, p.10)

Apesar dessa ideologia, houve uma época em que a diferença de gênero não era uma questão, até o séc. XVIII não era possível encontrar um termo para definir a sexualidade humana, nesse período homens e mulheres viviam em harmonia, sem destaque para nenhum dos gêneros, nenhum papel exercia poder sobre o outro.

Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdade entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos[...] logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres. (ZULEIKA ALEMBERT, p. 27, 2004).

Com a expansão da civilização, surgiu a crença de que a partir da biologia é que se dá os papéis sociais e culturais de cada um. A mulher passou de “Ser divino” para o chamado “sexo político”, onde se ordena a hierarquia em que vivemos, designando que mulheres precisam se gentis, carinhosas e amáveis, enquanto os homens cultivam a coragem, força e violência, como se ser homem estivera ligado a não ser frágil ou expressar sentimentos. Essa ideologia trouxe à tona as discussões sobre gênero, dito isso, gênero refere-se à uma maneira de indicar construções culturais, haja vista que “trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p.75 apud ARAÚJO, 2005).

Desse modo, as atribuições designadas ao feminino e ao masculino, correspondente ao sexo biológico, são introduzidas aos seres humanos a partir das construções sociais e se diferem “não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade

ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 2014, p. 26-27).

Diante do exposto e sabendo que a educação é a base da vida social é que o problema desta pesquisa pode assim ser formulado: Como os estereótipos impostos pela sociedade afetam na construção da personalidade das crianças? E qual seria o papel da escola no combate a hipermasculinidade?

Objetivo geral:

Identificar a existência do machismo e a desigualdade de gênero no ambiente escolar e como esses fatores influenciam na construção da personalidade dos sujeitos.

Objetivos específicos:

1. Analisar como as questões de gênero e seus estereótipos influenciam no comportamento do indivíduo.
2. Analisar como o ambiente escolar e os educadores contribuem para manter os costumes e crenças da cultura do machismo.
3. Incentivar a ampliação do papel das escolas como um espaço de debate e reflexão no enfrentamento ao machismo e a desigualdade de gênero.

Sabe-se que, a discussão sobre os gêneros estão presentes desde o início de nossas vidas, se construindo de acordo com a região geográfica, momento cultural e grupo social (étnico, religioso, racial) em que estejamos inseridos. Conforme Barreto, Araújo e Pereira (2009) defendem “é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas”.

Desde a gravidez as questões de gênero já são inseridas na vida dos sujeitos, os pais projetam seus desejos nos filhos a partir do gênero biológico que a criança irá nascer. Por conseguinte, ao nascer a criança involuntariamente já pertence a um grupo social organizado que submeterá e interferirá em sua construção do Eu, determinando como deve ser seu modo de agir, falar ou pensar. Além disso, de acordo com Bock (1995, p. 209) “um aspecto importante a ser considerado é que a inserção de uma família em uma classe social de determinada sociedade faz com que o mundo e seus acontecimentos sejam “filtrados” para a criança” (apud SANT’ANA; BISPO, 2017).

Assim, na sociedade, na família, na religião e nas escolas o que é ensinado de maneira explícita é que existem comportamentos masculinos e femininos que devem ser cumpridos. Desse modo, seguindo a perspectiva de Vygotsky e sua teoria interacionista, o meio em que vive e o comportamento das pessoas ao redor irão influenciar diretamente na construção da personalidade das crianças, haja vista que a interação social é um dos principais meios de desenvolvimento, sendo “parte constitutiva da natureza humana” (MAIOR, WANDERLEY, 2016).

O desenvolvimento psicológico é produzido a partir das interações, estímulos e aprendizado nos quais são proporcionados a criança, visto que, ela por si só não tem condições de se desenvolver e aprimorar seu aparato psíquico, dependendo assim do meio em que está inserida e das experiências que vivência. (VYGOTSKY, 2000, apud SANT'ANA; BISPO, 2017)

Outrossim, em uma de suas teses Vygotsky refere-se a cultura como “parte constitutiva da natureza humana, pois o desenvolvimento mental humano não é passivo, nem tão pouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida” (apud MAIOR, WANDERLEY, 2016). Assim, fica notório que os sujeitos aprendem sendo guiadas e orientadas por alguém com mais habilidades e conhecimentos que ele, para tanto ter participação social que permita ao indivíduo observar e praticar suas habilidades absorvidas é um fator essencial para o desenvolvimento da aprendizagem.

Desse modo, a socialização é um processo pelo qual todos os seres humanos precisam passar para que ocorra seu desenvolvimento (SANT'ANA; BISPO, 2017). Esse processo se inicia através da interação social primária, constituída pela família, que submeterá o indivíduo, de forma involuntária, a uma determinada classe social, cultural ou étnica a qual pertencerá.

No que tange à educação e criação familiar, geralmente as mães e pais dedicam-se em transmitir para os filhos os mesmos valores, crenças ou costumes que lhes foram ensinados, ou até mesmo buscam não redigir o que aprenderam em seu contexto familiar, a fim de impedir que certos padrões e costumes perpetuem até as gerações posteriores (BOTTON, et al., 2015). Conseqüentemente, será através do grupo familiar que as representações de mundo chegarão para às crianças, conforme Sant'Ana e Bispo (2017) exemplificam “uma família que mora numa favela pode passar para o filho seus sentimentos e opiniões a respeito da discriminação social que vive[...] **isso será internalizado pela criança**” (grifo do autor). Contudo, a família é o primeiro e mais influente constituinte das relações sociais e dos valores éticos e morais em que se desenvolverá a personalidade dos sujeitos.

Focando nas questões de masculinidade e feminilidade, Botton et al. (2015), baseados na visão de Paechter (2009), discorre:

Paechter (2009) [...] define os bebês como exemplarmente passivos nos seus primeiros meses de vida, usando seus conhecimentos direcionados e interpretados pelos outros. Com seu crescimento e a complexificação dos processos cognitivos, alguns modos de ser e se comportar são incentivados ou desestimulados, ficando claro para criança o que é ser homem ou ser mulher, quais comportamentos são aceitáveis socialmente para cada sexo e, conseqüentemente, sobre as relações de poder no seu círculo familiar que são, inevitavelmente, estendidas para forma como entendem o mundo.

Concomitantemente, de acordo com o local e da cultura em que a criança esteja inserida serão assumidos certos preconceitos de gênero e pensamentos quanto a supervalorização do homem. Assim, a criança que por ventura cresça em um ambiente em que a família tenha atitudes machistas, hipermasculinizadas e preconceituosas, ou que presencie cenas de desvalorização, agressão e deslegitimação da mulher sobre o homem muito provavelmente essas atitudes serão entendidas como características do gênero masculino, fazendo com que os meninos, em fase de desenvolvimento, busquem o nível de masculinidade desejável, prejudicando não só a si como também as mulheres e a toda a sociedade, tendo em vista que a construção do homem violento é um dos principais causadores de feminicídio, homofobia, morte e depressão causada pela repressão dos sentimentos masculinos.

Quanto a escola, podemos considerar que a mesma assume um papel relevante na formação do indivíduo, principalmente em seu desenvolvimento cognitivo, na formação da personalidade e dos valores acerca do espaço cultural e seu papel como ser histórico-social, pois é nesse espaço que as crianças e jovens passam boa parte de suas vidas. Assim, desde muito cedo, o ambiente escolar é o principal meio de interação e convivência das pessoas com a sociedade e sua diversidade, sendo este um dos lugares onde nos deparamos com diferentes culturas, costumes, gêneros, raças e etnias.

No entanto, apesar de teoricamente servir como espaço de acolhimento, as instituições escolares são um dos mais influentes responsáveis pelo mantimento da segregação de gênero e a preservação dos costumes e comportamento sexistas e patriarcais.

[...] A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 2014, p. 62)

Ademais, nas instituições escolares ainda prevalece uma educação baseada somente em aprendizado de conteúdos e de valores socialmente estabelecidos pelas classes dominantes e conservadores, sem que haja questionamentos ou críticas a respeito. Sendo assim, questões como machismo, feminismo e preconceitos de gênero são pouco abordados, mantendo a pedagogia tradicional, onde prevalece os estereótipos determinados pela sociedade sobre como meninos e meninas devem agir, falar e se comportar de acordo com o seu gênero, além disso, temos o conservadorismo como parte do cenário educacional brasileiro.

Segundo Santos (2010), citado por Conceição (2019), “as crianças aprendem a se reconhecer como meninos ou como meninas, antes mesmo de aprenderem a se reconhecer como crianças”, ou seja, antes de serem capazes de compreender o que é ser criança elas já aprendem e internalizam o papel que a sociedade determina para o seu gênero e que, geralmente, é reforçado no ambiente escolar. Desse modo, “a situação de escola muitas vezes favorece o agrupamento das crianças por gênero, mais do que ocorre nas amizades de vizinhanças ou nos *playgrounds*, onde grupos mistos são frequentes” (LOURO, 2014, p.82).

Contudo, as dificuldades em obter melhoras significativas em relação as questões de gênero é reflexo das complexidades e tabus sobre a sexualidade, que advém da ausência de debates reflexivos envolvendo família, sociedade e escola, bem como a falta de ações interventivas educacionais diante de preconceitos e desrespeito às diferenças. Segundo Louro (2014, p.61),

Diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela estavam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. [...] a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Sendo assim, a necessidade de mudanças no cenário atual é gritante. Para tanto, precisamos aproveitar o espaço de privilegio ocupado pelas escolas, enquanto espaço de formação de cidadãos. É necessário criar uma política igualitária, além de revisar os conteúdos da grade curricular visando apresentar referências históricas que enfatizem ambos os gêneros.

Além disso, para que a desconstrução dos estereótipos de fato aconteça, podemos incluir em nosso cotidiano, enquanto educador, condutas simples que desencadeiam em eficientes resultados. Devemos criar um ambiente educacional onde se oportuniza o desenvolvimento pleno, de habilidades e competências, das crianças independente de seu sexo biológico.

METODOLOGIA

A comumente pesquisa tem por finalidade identificar como a hipermasculinidade influência na construção da personalidade dos sujeitos, além de analisar como o ambiente escolar pode contribuir para perpetuar e manter os costumes e tradições da cultura do machismo. Para alcançar os objetivos determinados utilizaremos como abordagem a pesquisa explicativa, que tem como preocupação central “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2002, p.42), além disso, o artigo faz uso do método qualitativo, visando obter dados descritivos que expressem os sentidos dos fenômenos Minayo (2011).

A coleta do material empírico foi realizada com base nas revisões bibliográficas de autores como: Daniela Auad, Guacira Louro, Simone de Beauvoir, Levy Vygotsky, entre outros, bem como, buscas em artigos científicos que tratam do assunto para o aprofundamento das hipóteses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o levantamento das biografias referenciadas foi possível analisar e categorizar o contexto histórico social das relações de gênero, bem como a construção da identidade dos sujeitos baseados nesse contexto. Assim, esse trabalho procurou, apenas, fazer uma discussão prévia sobre a existência do machismo e da desigualdade de gênero no ambiente escolar e a forma como esses fatores influenciam na construção dos sujeitos.

No decorrer deste estudo observou-se que diferentemente do que poderíamos imaginar o machismo e as diferenças entre a masculinidade e feminilidade não são inatas, nem tão pouco estiveram presente em todas as fases da humanidade. O machismo e as diferenças entre os sexos foram desenvolvidos e criados pela própria humanidade, a partir do pensamento de que o homem é biologicamente superior à mulher.

Desse modo, enquanto por um lado a mulher da pré-história foi considerada divina e respeitada em seu papel social, em contrapartida, a sociedade moderna se encarregou de ressignificar a imagem da mulher e passou a trata-la como inferior. O dom de gerar vidas que um dia fora considerado uma espécie de “super poder”, que trouxe respeito e admiração pelas

mulheres, fora redefinido e convertido em fraqueza. Ao entender seu papel na reprodução humana, o homem passou a se enxergar como superior e isolar a mulher das questões sociais.

A dicotomia entre os gêneros foi aceita e tratada de maneira natural pela sociedade, que se encarregou em criar os modelos de feminilidade e masculinidade ideal e repassar as crenças e os costumes desse modelo androcêntrico de uma geração pra outra. Assim, o condicionamento da fragmentação entre ser homem e ser mulher caracterizou e estereotipou de maneira sexista os comportamentos a serem seguidos, determinando que o modelo ideal do feminino é aquele em que a mulher é delicada, frágil, amável e cuidadora do lar, e o modelo ideal masculino é sempre determinado pela força, coragem, agressividade e apatia quanto aos sentimentos e emoções.

Essa ideologia é imposta de maneira implícita desde o nascimento, quando pais e mães destinam aos meninos determinadas cores, brincadeiras e brinquedos que, geralmente, remetem a liberdade e aventura, e para as meninas destinam-se brincadeiras e atividades que remetam a delicadeza e fragilidade, além de brinquedos voltados a tarefas domésticas e cuidados com bonecas.

Tais reproduções sociais são responsáveis por criar bloqueios e limitações nos sujeitos, que os aprisionam e não permitem, por exemplo, que meninos sejam livres para demonstrar sensibilidade ou afeto. Assim, a busca para se enquadrar nesses modelos podem anular a singularidade dos sujeitos, uma vez que existe um único modelo a seguir.

Ademais, constatamos que o meio em que vivemos é capaz de influenciar o sujeito não apenas no modo de pensar, mas também no agir. Em concordância com o pensamento de Vygotsky, grande parte do desenvolvimento das crianças está ligado à sua interação com o meio e os sujeitos ao seu redor, esse desenvolvimento ocorre a partir da utilização da linguagem e das habilidades de observação. Para mais, a criança em fase de desenvolvimento de suas habilidades e competências irá observar, internalizar e posteriormente imitar o que é visto a sua volta, ou seja, o comportamento ou a linguagem das pessoas do convívio social, provavelmente, será reproduzido pela criança. Dessa forma, é notório que a criança criada em um meio machista, que costume presenciar atitude sexista, androcêntrica ou misógina em seu cotidiano terão maior probabilidade de reproduzir esses comportamentos e mantê-los até a fase adulta.

Como já mencionado, historicamente se afirma e categoriza-se como meninos e meninas devem agir, do que devem brincar e com quem devem se relacionar, essas aprendizagens são

transmitidas inicialmente pelas relações primárias, no âmbito familiar e na religião em que a família esteja inserida, e essa ideia transcenderá para o ambiente escolar.

Sendo assim, a criança chega à escola com uma considerável carga de conhecimento acerca do mundo, diante disso o aluno leva para o contexto escolar seus conhecimentos e costumes adquiridos em suas relações primárias. Ademais, a forma com que o sujeito aprende sobre as aceitáveis maneiras de ser menino e de ser menina serão reforçadas na escola. Apesar do caráter favorável a construção dos sujeitos, a escola é um dos principais meios pelo qual é reforçado e mantido as imposições construídas socialmente. As instituições de ensino ainda são responsáveis por fiscalizar as questões de sexualidade.

Os dados parecem confirmar as conclusões apresentadas por Louro, onde a autora afirma que a escola não é responsável apenas por transmitir conhecimentos, mas também fábrica os sujeitos, contribuindo para a produção das identidades étnicas, de gênero e de classe. Diante do exposto, se considerarmos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade androcêntrica, podemos concluir, então, que as identidades das crianças estão sendo construídas através das relações de desigualdades sociais e supremacia do homem.

Por tudo isso, pode-se considerar que o Movimento Feminista, além de sua frequente luta a favor da liberdade da mulher, também deve estar pautada nas questões de masculinidades, haja vista que a desconstrução do homem violento proporcionará autonomia e liberdade aos homens/meninos, fazendo com que os índices de feminicídio e homofobia venham a diminuir.

Em linhas gerais, esse artigo sugere que a hipermasculinidade imposta aos meninos e sentida também pelas meninas é reproduzida cotidianamente, com a nossa participação enquanto educadores e que a prática escolar é historicamente contingente a omissão das questões de gênero e sexualidade. De forma significativa essa pesquisa atingiu os objetivos estabelecidos, entretanto, acredita-se que os resultados desse estudo seriam mais conclusivos se fossem realizados através de um estudo de campo, visando a observação e análise tanto dos comportamentos dos educandos diante das questões de masculinidade, quanto a intervenção e postura dos docentes perante tais questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo desenvolvido evidenciou-se a pertinência e relevância do tema abordado. Através do levantamento bibliográfico e dos resultados obtidos, podemos constatar a ausência da temática no ambiente escolar, revelando ainda a predominância de um discurso sexista e estereotipado que tende a reforçar a dicotomia de gênero criada socialmente a partir de uma visão androcêntrica, que delimita o lugar e o papel social de meninos e meninas, de homens e mulheres.

Destarte, promover a equidade de gênero no ambiente escolar não é apenas uma proposta ousada, mas oportuna e totalmente necessária. Considerando que a escola é um espaço privilegiado por proporcionar aos sujeitos, além de conhecimentos, o desenvolvimento de senso crítico e preparo para a convivência social, a consciência sobre a questão de igualdade e diversidade de gênero deve ser primordialmente trabalhada, para que, se possível, possamos reconstruir e ressignificar as características atribuídas aos sexos.

Tendo em vista o anseio de reconstruir a visão social acerca da masculinidade e aceitação às diferenças, sem dar centralidade a nenhum dos sexos, percebemos a necessidade de construir no Projeto Político Pedagógico (PPP) um certame que vise o condicionamento da diversidade, além de, trabalhar as questões de gênero nas instituições de ensino. As propostas dos currículos escolares devem ser elaboradas visando a equidade e identificação dos estudantes com o material oferecido.

Assim, trabalhar as questões de gênero e masculinidades na escola é dar voz a luta diária do Movimento Feminista e LGBT+. Ademais, desconstruir a hipermasculinidade proporcionará benefícios aos meninos/homens, pois, somente assim, eles conseguirão ter maior liberdade e autonomia sobre seus corpos, seus sentimentos e suas emoções, sem que haja julgamentos ou pressão social.

Apesar dos resultados obtidos constatamos conspícua dificuldade em encontrar artigos, teses e monografias que tratassem sobre o tema. Dado este caráter, sugere-se que estudos posteriores, especialmente aqueles aplicados, possam se interessar pela temática, introduzindo o conhecimento como ferramenta eficaz no combate ao machismo estrutural.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: O ponto de vista Marxista. Nobel, 2004.

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas: Relações de gênero na escola** / Daniela Auad. - 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2019.

ARAUJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate**. Psicol. clin. , Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pág. 41-52, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&nrm=iso . Acesso: 04 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>.

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais** - livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf . Acesso: 12 fev. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOTTON, Andressa et al. **Os papéis parentais nas famílias: Analisando aspectos transgeracionais e de gênero**. Pensando fam., Porto Alegre. v. 19, n. 2, p. 43-56, dez. 2015.

CONCEIÇÃO, Maria Luiza Lacerda, 1965 – O brincar na educação infantil e relação de gênero [manuscrito] : / o gênero influencia nas brincadeiras?. – Belo Horizonte, 2019. 45 f.: il.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** / Guacira Lopes Louro. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAIOR, Carmen D. Souto; WANDERLEY, José de Lima. **A teoria Vygotskyana das funções psíquicas superiores e sua influência no contexto escolar inclusivo**. Campina Grande – PB, 2016.

MINAYO, Maria Cecília S. **Importância da Avaliação Qualitativa combinada com outras modalidades de Avaliação Saúde & Transformação Social** / Health & Social Change, vol. 1, núm. 3, 2011, pp. 2-11 Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265319573003>. Acesso: 15 mar. 2021.

SANT'ANA, Fernanda Silva; BISPO, Leticia Cavina. **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DESIGUALDADE ENTRE GÊNEROS E SUAS INFLUÊNCIAS FAMILIARES: Um estudo da percepção de pais e mães acerca da educação dos filhos**. Lins – São Paulo, 2017.

STEARNS, Peter. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

VALE, Felipe Perez do. **DESCONSTRUINDO AS MASCULINIDADES: Uma análise do Projeto Nós**. Natal- RN. 2019. 57 f.: il.color.